Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no *YouTube*

Historical narratives in dispute: a YouTube case study

Narrativas históricas en disputa: un estudio de caso de *YouTube*

Odir Fontoura[I*]

DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S2178-14942020000100004

[I] Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil.

[*] Doutorando em História pela UFRGS (odirfontoura@gmail.com). ORCID ID: https://orcid.org/0000-0002-0645-9766.

Artigo recebido em 16 de julho de 2019 e aprovado para publicação em 3 de dezembro de 2019.

CC BY

Resumo

Este artigo pretende tratar das diferentes narrativas que envolvem a disciplina da história na plataforma *YouTube*. A partir de um mapeamento, foi analisada uma série de vídeos, e de uma análise quantitativa e qualitativa desses materiais foi possível inferir, por um lado, uma inexpressividade das produções feitas por instituições públicas ou universitárias e, por outro, um grande número de vídeos que trazem uma visão revisionista ou contestadora da história acadêmica. Concluiu-se, a partir dessas investigações, a respeito da necessidade de uma maior atuação da academia e dos historiadores profissionais nesses espaços de produção e de discussão de narrativas, o que poderia responder a uma demanda educacional identificada que ocorre tanto dentro do espaço físico e formal da sala de aula quanto fora dele, em espaços *online* que, visando a se constituir em oposição à escola formal, oferecem-se como alternativas nas disputas das narrativas da história.

Palavras-chave: História; *YouTube*; Narrativas.

Abstract

This article intends to deal with the different narratives that involve the discipline of history in the *YouTube* platform. A series of videos was analyzed, and from a quantitative and qualitative analysis of these materials, it was possible to infer, on the one hand, an inexpressiveness of the productions made by public or university institutions and, on the other hand, a large number of videos that bring a revisionist view of academic history. It was concluded from these investigations about the need for a greater action by academia and professional historians at these places of production and discussion of narratives, which could respond to an identified educational demand that occurs both within the physical space and formal of the classroom as well outside, in some online spaces where, in order to constitute and show themselves in opposition to the formal school, they offer themselves as alternatives in these disputes of the narratives of history.

Keywords: History; *YouTube*; Narratives.

Resumen

Este artículo pretende tratar las diferentes narrativas que involucran la disciplina de la historia en la plataforma de *YouTube*. A partir de un mapeo, fue analizada una serie de videos, de los cuales fue posible verificar, por ejemplo: la inexpresividad de las producciones realizadas por instituciones públicas o universitarias y una gran cantidad de videos que brindan una visión revisionista o desafiante de la historia académica. Se concluyó a partir de estas investigaciones sobre la necesidad de una mayor acción por parte de académicos e historiadores profesionales en estos espacios de producción y discusión de narrativas, que podrían responder a una demanda educativa identificada que ocurre tanto dentro del espacio físico de la clase formal como fuera, en espacios *online* donde, para constituirse en oposición a la escuela formal, se ofrecen y se muestran como alternativas en las disputas de las narrativas de la historia.

Palabras clave: Historia; *YouTube*; Narrativas.

Apresentação: sobre o lugar da educação

Tradicionalmente, a escola e a universidade constituíram-se em espaços privilegiados e que garantiam o monopólio do saber autorizado e legítimo. Hoje, quando usamos esses termos, rapidamente nos vem à mente a materialidade típica dessas instituições: parece difícil pensar a "escola" sem imaginar o prédio que a constitui, com seus corredores, bibliotecas, salas de aula, e assim por diante. O mesmo a respeito da universidade e seus *campi*, que ocupam espaços significativos na malha urbana. É interessante notar, no entanto, que essa "corporeidade" das instituições de ensino é algo relativamente novo na história da educação: os gregos antigos, salvo poucas exceções, não viam a escola como a conhecemos hoje, e até mesmo no período medieval, quando nasceram as universidades, elas não vieram junto, pelo menos não de imediato, com os *campi* que hoje lhes são indissociáveis.

Existem indícios de que isso esteja novamente mudando. Há quase 20 anos, Pierre Lévy (1999: 171) discutiu sobre o avanço da internet e a criação do que chamou "ciberespaço", destacando diversos pontos a respeito dessa renovação, em particular no âmbito da educação: a internet facilitou o compartilhamento de informações, acelerou a rapidez na comunicação e diluiu as barreiras físicas entre os estudantes e o conhecimento. Anos mais tarde, Anita Lucchesi (2014: 49) assumiu que, apesar de seguirmos nessa "revolução dos meios digitais", ainda não desenvolvemos as competências necessárias para lidar criticamente com o mar de informações e conteúdos que surgiram em consequência da realocação dessas fronteiras do saber.

Até agora, nada indica que a conclusão de Lucchesi esteja superada. Para além dos muros institucionais, estudantes — do ensino básico à pós-graduação — seguem consumindo redes sociais, participando de grupos de discussão, ouvindo *podcasts* e assistindo a vídeos e documentários sobre os mais variados temas, inclusive sobre assuntos que até então eram tratados apenas nas salas de aula.[1] Tendo em vista o que diversos autores têm chamado uma *ágora*[2] virtual, fazem-se necessárias algumas perguntas: Qual tem sido o lugar da escola, da universidade ou do saber "acadêmico" nesse novo espaço público, em que os conhecimentos (ou a oferta deles) parecem ser tão diversos e plurais? Existiriam disputas entre eles? Em outras palavras, e ainda mais especificamente: como a história tem sido apresentada em um dos espaços mais populares desse universo, a saber, o *YouTube*?

O estudo de um espaço particular: o *YouTube*

Para responder a esses questionamentos, foi feita uma investigação, ao longo de aproximadamente dois meses, no *site YouTube*,[3] entre o fim do ano 2018 e o começo de 2019.

CC BY

A partir do mecanismo de busca próprio da plataforma, foram realizadas buscas a partir da palavra-chave "história", seguindo o critério da "maior visualização", ou seja, foram analisados os vídeos por ordem decrescente de número de acessos. O recorte para essa pesquisa deu-se entre os vídeos cuja faixa de visualizações foi de 7,6 milhões de acessos e os que compreendiam a faixa das 50 mil visualizações, que o *site* entendia que pertenciam ao tema da história.[4]

Dessa busca, foram selecionados 80 vídeos,[5] catalogados, inicialmente, em dois grupos principais: desse conteúdo, 51 produções (mais de 63%) parecem filiar-se a uma narrativa acadêmica ou tradicional da história, e outros 28 vídeos (35%) parecem propor revisões, questionamentos e críticas dessa historiografia. Os vídeos inseridos no primeiro grupo chegaram quase à marca de 50 milhões de acessos e foram inseridos nesse recorte por responder positivamente aos seguintes critérios: 1) Têm uma preocupação com referências, citações ou indicações de bibliografia durante ou no final dos vídeos, de modo a sustentar as afirmações ali passadas? 2) Há uma preocupação em nível de currículo formal (preparação para provas escolares, de vestibular ou aprofundamento de discussões universitárias) que tenha guiado a produção do conteúdo? Já o segundo grupo ultrapassou a marca de 20 milhões de visualizações. Os vídeos desse segundo recorte responderam positivamente à seguinte pergunta: o conteúdo apresenta-se como resposta a uma crítica à instituição da escola ou da academia, de modo a oferecer conteúdos que foram deliberadamente ignorados, escondidos ou desvirtuados pelos historiadores profissionais?

Este artigo tem por objetivo fazer uma análise, em primeiro lugar quantitativa, mas também qualitativa, desses vídeos, com ênfase no segundo grupo em particular, que ocupa mais de um terço do conteúdo do *YouTube*, no que diz respeito aos conteúdos históricos, e propor uma dupla reflexão, sendo 1) tanto a respeito do lugar que a história tem ocupado na internet quanto 2) sobre a autoridade que, comumente sendo atribuída à ciência ou à academia, tem sido objeto de disputa, pelos mais diversos atores e narrativas, sob o viés dos conteúdos históricos. Isso ocorre em um espaço que se, por um lado, deu voz a um público imenso, que antes da internet apenas consumia e era receptor de conteúdos (Pellegrini et al., 2009: 2), agora, por outro, parece provocar a academia a repensar seu lugar nessas novas configurações políticas e culturais e, portanto, públicas. Essa pesquisa pretende servir como aproximação inicial a esse objeto, a saber, os vídeos que falam sobre história no *YouTube*, podendo servir, eventualmente, como ponto de partida, em razão de seu mapeamento estatístico, para outras investigações ou comparações futuras.

A HISTÓRIA DA ESCOLA NA (OU PARA A) INTERNET

O primeiro grupo de vídeos e canais, que procura manter uma coerência com as narrativas acadêmicas ou científicas, pode ser dividido em pelo menos outras seis subcategorias. Se for levado em conta o número de acessos, surgem, em primeiro lugar, os canais de cultura *pop* (1), como o canal Nostalgia[i], por exemplo, com seus vídeos que abordam a Segunda Guerra Mundial[a][b], a guerra fria[c] e a história do Brasil[d][e], totalizando, pelo menos, 27 milhões de acessos. Depois dele, o canal Nerdologia[ii] fala de temas como a história da imprensa[f], do dinheiro[g] ou do voto[h], e totaliza, pelo menos, 678 mil visualizações. Apesar de os canais não serem específicos da história (vídeos de história dividem espaço com outras produções, sobre cultura *pop*, séries, jogos ou outras áreas do conhecimento), ambos os canais têm preocupação com referências bibliográficas, que ocasionalmente aparecem nas descrições dos vídeos, e com validações acadêmicas a respeito das informações ali passadas. Por exemplo, em seu vídeo sobre ditadura, Felipe Castanhari (Nostalgia), que não é historiador, aponta o auxílio do professor Carlos Mattos, formado em história pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-graduado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Já Felipe Figueiredo, do canal Nerdologia, é formado em história pela Universidade de São Paulo (USP). O alto número de acesso a esse tipo de conteúdo parece indicar-nos que existe procura e interesse dos consumidores do *YouTube* por esse tipo de produção.[6]

Por outro lado, se formos levar em conta o número de vídeos selecionados na pesquisa, o grupo que aparece com mais força é o de vídeos e canais voltados para preparação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e de pré-vestibulares de forma geral (2). Aqui, somam-se 30 vídeos, sobre os mais diversos conteúdos, de "resumões" de história antiga até de história do Brasil republicano, ao longo de 10 canais diferentes. Entre eles, os canais Débora Alladim[iii], Aulalivre[iv], Pró-Universidade Online[v] e Se Liga Nessa História[vi], só para citar os que as cifras de acesso, na pesquisa, chegaram a acima de 1 milhão cada um. A grande maioria desses canais têm veículos alternativos, em que se vendem pacotes de vídeos mais completos e mais aprofundados sobre as temáticas apresentadas no *YouTube*. Conforme já apontou Tarcísio Queiroga Jr. (2018: 11), o fato de esse canal disponibilizar conteúdo gratuito para os internautas "não o exclui da lógica de mercado onde o conhecimento é transformado em mercadoria", e o mesmo vale para as instituições que promovem esses cursos, que reciprocamente fazem do *YouTube* também uma ferramenta de lucro. Essas narrativas seguem fiéis às discussões formais, escolares, sendo guiadas por objetivos curriculares (preparação para exames, em nível médio ou superior), até mesmo porque a grande maioria dos locutores das produções são professores formados. Dito de outra forma, ainda não há aqui uma crítica deliberada à escola,

como será visto mais adiante, mas é o próprio currículo escolar que, tradicionalmente apresentado, guia ou orienta a produção dos conteúdos desses vídeos.

Existe ainda um nicho pouco explorado, que é o dos canais de temática especificamente acadêmica ou universitária (3). Aqui, é possível apontar o vídeo sobre história da Irlanda[i], apresentado pelo *youtuber* chamado "Pirula", do Canal do Pirula[vii], que, apesar de não ser historiador de formação (sua especialidade é a biologia), procura manter-se fiel às discussões acadêmicas específicas da história, criticando as visões mais nacionalistas de que a história desse país poderia ser a história de um único povo, sem contribuições, misturas ou conexões de diferentes civilizações. Na apresentação de seu canal, ele informa que se trata de um espaço voltado, entre outras coisas, para a divulgação da ciência. Nessa mesma direção vai o canal ObrigaHISTÓRIA[viii], e aparece na pesquisa por seu vídeo sobre conceitos históricos entre a direita e a esquerda política[j]. O objetivo do canal é claro, segundo sua descrição: "levar conteúdo acadêmico a públicos mais amplos". Muitos vídeos têm as referências bibliográficas na descrição, com *links* para acesso direto aos artigos. A disciplina histórica é uma das especialidades do canal. Tanto o Canal do Pirula quanto o ObrigaHISTÓRIA têm o selo Science Vlogs Brasil, que qualifica o cenário virtual de divulgação científica no país. Mas, comparado com os outros grupos, a expressão é baixa: foram dois vídeos, que totalizaram pouco mais de 500 mil visualizações.

Um quarto grupo de conteúdo que segue preocupado com uma narrativa fiel às discussões acadêmicas é o que abarca um conjunto de iniciativas de canais educacionais que, com o tempo, foram descontinuadas (4). São os canais Vinicius Recanello de Almeida[ix], Preparação Digital[x] e educabahia[xi]: apenas o primeiro tem conteúdo autoral e, propondo-se fazer um "resumão" (*sic*) da história da educação brasileira[k], não atualiza a plataforma há três anos. Os vídeos sobre o Brasil republicano[l][m] do canal Preparação Digital são de seis anos atrás, e o conteúdo, também de história do Brasil[n], do canal educabahia está no ar há pelo menos 10 anos. Juntos, esses conteúdos chegam à marca de quase 1 milhão de visualizações. Parece ser plausível supor que o fato de esses vídeos seguirem sendo visualizados, mesmo após a descontinuação progressiva dos projetos, é um indício importante de que há interesse por esse tipo de conteúdo histórico por parte dos usuários dessa plataforma *online*.

Mas, apesar dessa já comprovada demanda, a presença de canais institucionais e oficiais (5) segue baixa. Canais como o da revista homônima Nova Escola[xii], da TV Brasil[xiii] e da Univesp[xiv] não produziram vídeos de conteúdo histórico que ultrapassassem a marca de pelo menos 500 mil visualizações. Os canais da TV Brasil, rede de televisão pública do país, e da Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo) foram os únicos canais oficiais

públicos que apareceram na pesquisa. São vídeos sobre história da educação[o][p], que, em seus respectivos canais oficiais, correspondem a pouco mais de 2% de todos os vídeos analisados.

A última categoria delimita os canais não autorais que colocam no ar conteúdos produzidos por outras instituições (6). É emblemático que um documentário sobre a história do Brasil[q] produzido por Boris Fausto e pela própria TV Brasil tenha alcançado a marca de 2,4 milhões de acessos em um canal particular (Dylson)[xv]. Nessa mesma direção, o documentário intitulado "A história do mundo em duas horas", produzido pelo *History Channel*, chegou a 1,8 milhões de visualizações também em canais particulares não institucionais: Renato Reis I[r] e Conhecimento[s].

Em suma, parece possível concluir, diante dessa primeira aproximação, que se, por um lado, a força do mercado e a presença significativa das iniciativas privadas e particulares são um aspecto fundamental desses conteúdos, por outro isso leva a uma dupla ausência: tanto das universidades (pois, quando o conteúdo universitário aparece, é por parte de iniciativas de estudantes e de grupos de estudantes, e não da instituição em si) quanto também de iniciativas públicas, apesar da procura e do consumo desse tipo de conteúdo, que são feitos a partir de outros canais.[7] Esse mapeamento pode confirmar o que disse Lévy (1999: 174) a respeito de uma transição, de uma educação "estritamente formalizada e institucionalizada", para uma situação diversa, em que haveria uma "troca generalizada de saberes" e um "reconhecimento autogerenciado" das competências. Lévy insiste no papel público, nessa regulação, da "nova economia do conhecimento". Resta questionar, no sentido da provocação de Roger Chartier (2009: 19), sobre o *Homo academicus*, se a disciplina histórica vai firmar-se, buscando sua legitimidade, em detrimento dos *outsiders* da academia, ou se esses últimos é que se firmarão no espaço público a partir da crítica da *expertise* acadêmica e do gradual deslocamento de seus espaços tradicionais. Ou ainda: como seria possível uma realocação do espaço acadêmico, de modo que esse espaço pudesse abarcar, ou pelo menos se aproximar, desses saberes que estão sendo produzidos fora da academia?

A HISTÓRIA QUE OS PROFESSORES NÃO CONTAM

Alguns dos estudos que anteriormente se propuseram pensar as relações entre internet e educação precisam ser repensados. Denis Rolland (2004: 2), escrevendo a respeito de pesquisas que fez no ano 2001, indicou que, nessa época, o nível de credibilidade científica da rede ainda era desconhecido e que os textos, por exemplo, eram raramente identificados. João Mattar (2009: 9), escrevendo já após a invenção e a popularização do *YouTube*,[8] percebeu que a produção dos vídeos ainda estava nas mãos daqueles que chamou "imigrantes digitais",

a geração anterior à dos "nativos". Mas, hoje, o problema coloca-se de forma diferente: em vez de falarmos em incerteza da credibilidade científica, talvez seja mais preciso dizer que a credibilidade já figura como objeto de disputa (como será visto a seguir) em espaços em que esses "estrangeiros" são cada vez menos presentes. São quase todos "nativos".

O segundo recorte dos 28 vídeos que representam mais de um terço de todos os vídeos analisados trata dos conteúdos que se, na maioria das vezes, procuram questionar a legitimidade da história como ela tem sido contada na escola, na universidade ou na academia como um todo, ocasionalmente procuram realocar e reivindicar essa autoridade para si. Todos convergem para uma mesma direção: são produções que visam a trazer esclarecimentos como resposta a uma "história" que, por diversas razões, seria ocultada, mascarada ou conscientemente desvirtuada. Eventualmente, para isso, reivindicarão para si um suposto método historiográfico. São mais de 20 diferentes canais, que podem ser divididos, agora, em pelo menos cinco subcategorias.

Seguindo o critério do número de visualizações, os dois primeiros subgrupos desse recorte abarcam vídeos de conteúdo bíblico ou religioso. O primeiro mistura histórias religiosas com teorias da conspiração (1). Canais como o Canal do Braga[xvi], O Lado Escuro[xvii] e Mundo Proibido[xviii], entre outros, propõem-se abordar a história de diversas grandes figuras religiosas, como a do rei Salomão[t], do arcanjo Miguel[u], de Lúcifer[v] e de Jesus Cristo[w]. Essas narrativas, no entanto, não se filiam apenas aos acontecimentos bíblicos e acrescentam, em suas abordagens, repertórios de mitos e lendas urbanas. É muito comum que apareça nos títulos a ideia de que se trata de uma história "oculta"[w], "proibida"[x] ou "que você não sabia"[t] desses acontecimentos. Quase todos esses canais falam, para além da espiritualidade, de temas como extraterrestres ou reencarnações. São cerca de sete vídeos, distribuídos em pelo menos cinco canais, totalizando aproximadamente 12 milhões de acessos.

Um segundo nicho de conteúdo religioso aproxima-se das narrativas bíblicas. Esse, por sua vez, tem pretensão ainda mais definida de fazer uma análise "factual" desses episódios (2). As produções que mais se destacam são as apresentadas pelo pastor Rodrigo Silva, que se intitula tanto como arqueólogo quanto como doutor.[9] Silva apresenta um programa de conteúdo evangélico na TV Novo Tempo, cujo cenário simula uma escavação arqueológica. No vídeo em que fala sobre a história completa (*sic*) dos judeus[y], informa que pretende investigar a "realidade histórica" da vida sagrada. No entanto, apesar da tentativa de incorporação do discurso acadêmico, suas abordagens tendem a misturar as narrativas bíblicas com os fatos verificáveis do passado: nesse mesmo vídeo, traz a ideia de que "a história dos hebreus começa com a história de Abraão", por exemplo. Esse vídeo está em um canal particular (Alberto

Santos), e outro sobre a história de Sansão aparece no canal Sermões inteligentes[z], mas seus vídeos também aparecem no canal oficial do programa, o canal Evidências NT[xix]. São pelo menos cinco vídeos, que totalizam mais de 3 milhões de acessos.

Entre outros exemplos dessa mesma tentativa de incorporar o discurso histórico (e, nesse caso, também a legitimação acadêmica e universitária), é possível apontar para o canal Documentários Bíblicos, que tem um vídeo intitulado "A história dos cristãos e da Bíblia"[aa]. No início da apresentação, é informado que a mídia é baseada no documentário *The indestructible book,* supostamente produzido pela Universidade de Cambridge, informação que não foi confirmada.[10] Esses recursos narrativos não são uma inovação das mídias audiovisuais, tampouco da internet; Chartier (2009: 28) já falou sobre como algumas "ficções" apropriam-se não da "técnica da prova", mas, antes disso, apenas da "ilusão do discurso histórico", a fim de produzir o que chama "efeitos de realidade" entre seu público. Os vídeos que vão nessa direção chegam, ao todo, a quase 4 milhões de visualizações.

Uma terceira categoria de vídeos sublinha de forma ainda mais explícita o quanto a historiografia tradicional teria conscientemente suprimido certos temas (3). O canal Fatos Desconhecidos tem um vídeo muito popular, que se intitula "7 mentiras mais bem sucedidas da história"[ab]. Em outra produção, o locutor lista uma série de coisas que o professor de história "escondeu"[ac]. Ambos totalizam aproximadamente 1 milhão de visualizações. Nesse último, o locutor fala que não sabemos (*sic*) como eram os egípcios antigos e que na escola "tudo é simplificado", e que, felizmente, hoje em dia a internet pode ser utilizada para descobrir a versão verdadeira dos acontecimentos.

O canal Mundo Desconhecido tem dois vídeos que entraram na pesquisa, um deles sobre os anglo-saxões[ad], apresentados como o exército "mais temido" da história, repleto de generalizações, a exemplo do título. A ideia de que "muitos eventos da história não são compreendidos realmente" já aparece no começo da narrativa. Em outro vídeo, sobre momentos em que a arqueologia supostamente "contradisse" a história[ae], o duplo exercício repete-se: se, por um lado, desqualificam a história tal como ela tem sido trabalhada pela academia, por outro reivindicam para si a autoridade para corrigi-la e aperfeiçoá-la.[11] Esses últimos dois filmes são compilações de outros vídeos, mas com uma narração e trilha sonora original. Totalizam quase 2 milhões de visualizações.

Um quarto grupo de conteúdo que pode ser identificado é o de um conteúdo inteiramente autoral e que traz uma "história" que não é feita por historiadores acadêmicos, mas por outro tipo de profissionais (4). Nessa categoria, entre os canais mais visualizados está o Buenas Ideias, com dois vídeos, um sobre a primeira favela do Brasil[af] e outro sobre a

história *por trás* de Tiradentes[ag] (grifo nosso). Os vídeos são apresentados pelo jornalista Eduardo Bueno, também conhecido como "Peninha". Bueno propõe-se falar sobre o que não vai cair no Enem: traz diversos vídeos de conteúdo histórico, profundamente marcados por uma abordagem humorística, e sem se restringir necessariamente aos conteúdos tradicionais de vestibular. Frequentemente sublinha, no final de seus vídeos, o fato de que suas falas estão repletas de generalizações. Em seu canal, o jornalista também apresenta, em diversos vídeos, o livro que coordenou, intitulado *Brasil do Casseta: nossa história como você nunca riu,* escrito com humoristas.

Outro exemplo dessa tentativa de deslocamento da autoridade dos historiadores é visto no canal Brasil *Paralelo*[xx] (grifo nosso). Nesse canal, estão os vídeos do Congresso Brasil Paralelo, uma espécie de documentário que visa a repensar diversos aspectos do Brasil e de sua história. No vídeo sobre a Terra de Santa Cruz, pretendem falar de uma "história não contada"[ah]. Um dos locutores, Thomas Giulliano Ferreira dos Santos (formado em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul [PUCRS], mas também se apresentando como "pesquisador *freelancer* e autodidata"[12]), em sua abordagem revisionista, questiona se de fato o Brasil, um dia, foi uma colônia. Santos, que também é autor de um livro, intitulado *Desmistificando Paulo Freire*, segue um viés ideológico nessa mesma direção, ao atacar o marxismo. Rafael Nogueira, outro locutor, apresentando-se como historiador,[13] também critica o que chama ideologia comunista, que seria exaltada pela mídia brasileira, e lamenta a falta de heróis no país. O intelectual Olavo de Carvalho também prega a necessidade de uma alternativa, de uma memória nacional dos "grandes feitos", no mesmo vídeo. Trata-se de uma reconfiguração profunda, em um sentido conservador, na própria percepção da história: é emblemático o fato de que a volta dos "heróis" nacionais, como um dos elementos que esses intelectuais pretendem retomar, seja justamente uma das características mais notáveis da historiografia positivista, hoje considerada superada e ultrapassada. Trata-se de um retorno a uma forma de história que "não oferece um sistema de hipóteses, mas de certezas" (Sarlo, 2007: 15; e também Bispo e Barros, 2016: 858; Oliveira, 2014: 43), no sentido de que não são debatidos métodos ou técnicas de como reinterpretar o passado, apesar da insistência de que ele deve ser reinterpretado.

Em resumo, trata-se de um movimento que se por um lado, visa a fazer uma crítica à forma como os historiadores profissionais têm desempenhado seu ofício, por outro, não desqualificam a história totalmente. Ela continua sendo uma forma viável de conhecimento, mas que deveria ser revisitada. Segundo os vídeos mencionados, haveria fatos do passado conscientemente ocultados ou ignorados, de modo a construir uma narrativa mentirosa, o que poderia ser revertido a partir de uma nova aproximação, a partir de um novo olhar, mesmo

que não seja explicado como isso poderia ser feito. É por isso que alguns desses personagens, independentemente de suas formações, sublinham seu lugar de fala como historiadores. Esse é o caso de Rafael Nogueira, de Peninha e também do pastor Rodrigo Silva, que não reivindica apenas uma titulação, mas toda uma linguagem simbólica e visual — que se dá, por exemplo, por meio de seu cenário que imita escombros do passado — e que não tem outro objetivo a não ser reforçar seu lugar de autoridade, quando está falando sobre a história. De forma ampla, há aqui um alargamento no sentido do que seria um historiador. Mas, dito de maneira mais precisa, o que existe é uma disputa sobre quem poderia falar em nome da história.

O canal História Economia (*sic*) Brasileira torna disponível uma série de vídeos, também em forma de documentário, intitulada "A história *contada por quem a fez*"[ai] (grifo nosso). O título já anuncia esse deslocamento de narrativa: dos aproximadamente 15 entrevistados que se propõem falar da história do Brasil, apenas dois têm titulação acadêmica na disciplina, sendo eles Alexandre Saes[14] e Boris Fausto[15]. No entanto, a participação deste último não é expressiva, pois, dos mais de 25 minutos de vídeo, a presença do historiador, somados os momentos em que aparece, não chega a 45 segundos. O protagonismo da narrativa é assumido por ex-ministros (da Fazenda, do Planejamento, por exemplo) e por ex-presidentes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), do Banco Central e da própria República brasileira, como é o caso de José Sarney, que também aparece no documentário. Quem tem certo destaque no documentário é Laurentino Gomes, que, apesar de ser apresentado como jornalista e historiador, tem formação acadêmica apenas na área do jornalismo. Entre algumas falas que podem não encontrar consenso entre os historiadores acadêmicos está a ideia superficial de que, na África, a escravidão já era comum mesmo antes dos europeus; da mesma forma, Jorge Caldeira, cientista político, fala de "alianças militares" que foram realizadas entre indígenas e portugueses, mas não entra na questão do genocídio, por exemplo. Quando a narradora fala que os bandeirantes, no século XVII, encontraram ouro e diamantes no interior do Brasil, não explica que isso, em grande parte, foi feito tendo por base a mão de obra escrava. Em suma, novamente se trata de uma reconfiguração do discurso histórico, que, apesar de não se desfazer da história completamente, ressignifica e incorpora o ofício do historiador dentro de outras lógicas discursivas. Juntos, os vídeos ultrapassam a marca de 1 milhão de acessos.

Uma última categoria identificada pode ser vista como uma extensão dessa última forma de narrar os acontecimentos, com a diferença de que os vídeos postados nos canais não são produções autorais, mas incorporações de outras fontes (5). O documentário "Gigantes do Brasil – *nossa história*"[aj] (grifo nosso) é apresentado pelo canal Dark Documentários. Origi-

nalmente, trata-se de uma produção do *History Channel* e propõe-se fazer uma história das "grandes" personalidades ou empreendedores do país. São interpretações e encenações a respeito da vida dessas figuras, de modo que as atuações são intercaladas com comentários de pesquisadores. Apesar da presença de historiadores como Zilda Iokoi[16] e Clovis Bulcão[17], a grande maioria dos comentaristas são grandes figuras empreendedoras ou pesquisadores da área econômica, como Jacques Marcovitch, por exemplo, que se apresenta como especialista em história do empreendedorismo (*sic*) e ocupa diversos momentos da narrativa.

Um revisionismo mais acentuado é visto em outras duas produções, da mesma categoria: o canal Daniel Mota disponibilizou uma produção em que Olavo de Carvalho[18] fala, entre outros assuntos, sobre a história do Brasil[ak]. Entre suas críticas, estão os ataques ao que chama um "imaginário esquerdista", em que se produziram obras históricas ao longo do tempo, que devem ser revistas e questionadas. Já o canal Leonardo Araujo apresenta uma entrevista[al], de 2010, com Leandro Narloch, autor do *Guia politicamente incorreto da história do Brasil,* e com o historiador Marco Antonio Vilas[19]. A fim de apresentar sua obra, o primeiro procura fazer uma revisão das narrativas tradicionais. Entre suas opiniões, estão os argumentos de que "os índios lucraram muitíssimo com a chegada dos portugueses", por exemplo. Vilas diz que a história atualmente consagrada nos livros didáticos é uma história "de esquerda", e Narloch, próximo ao fim da entrevista, argumenta que "a história da direita é tão ruim quanto a da esquerda", mas faz uma escolha: prefere "muito mais a da direita", assume, sorrindo. Somadas as visualizações desses conteúdos, a marca chega aos 700 mil acessos.

Sabemos que a luta por espaços de autoridade com a construção de narrativas como as que hoje ocorrem no *YouTube* não é uma inovação dos meios audiovisuais ou mesmo da internet. Antes disso, trata-se de uma longa duração na história da comunicação, da imprensa e da literatura política como um todo (Briggs e Burke, 2006). Mais recentemente, Jurandir Malerba (2014), à luz das discussões que envolvem a história pública, analisou como os historiadores, no âmbito da escrita da história, têm perdido espaço para a produção jornalística a respeito do passado. Alguns dos autores que apareceram nesta pesquisa, delimitado o espaço do *YouTube*, já foram comentados por Malerba no recorte da literatura: a abordagem histórica de Eduardo Bueno, "Peninha", por exemplo, encontra problemas por fazer uma leitura caricata, pitoresca, "quase no estilo capa e espada", dos acontecimentos (Malerba, 2014: 35); o texto de Laurentino Gomes, sob a perspectiva de uma história crítica, aparece com "fragilidades gritantes" (Malerba, 2014: 37); o mesmo a respeito do também jornalista Leandro Narloch, que, na opinião de Malerba, em sua escrita, mal esconde uma visão "altamente conservadora, quando não reacionária, retrógrada, eurocêntrica e preconceituosa da/sobre a história do Brasil" (Malerba, 2014: 38).

Nucia Oliveira (2014), em outra direção, pesquisou sobre como a história estava sendo tratada nos principais *sites* de pesquisa escolar, restringindo-se aos conteúdos escritos. Entre suas conclusões: simplificação, narração conteudista, pouco provocativa e pouco problematizadora das temáticas. A autora fala na repetição de "sentidos comuns" (Oliveira, 2014: 50), que não ajudam no desenvolvimento de uma visão crítica, nem a respeito do passado e tampouco a respeito do presente.

Levando-se em conta a convergência das conclusões de Malerba e Oliveira, é preciso situar as conclusões desta pesquisa, a respeito das narrativas da história no *YouTube*, em uma direção consonante, apesar da diversidade dos recortes. Por um lado, foi possível perceber que esses discursos reducionistas, revisionistas ou que pelo menos visam a realocar o lugar tradicional dos historiadores, e que aparecem em outros lugares, não são maioria no *YouTube*, ainda que ocupem um espaço significativo na plataforma. Por outro lado, caberá às investigações posteriores identificar se essa posição se manterá, dado que se trata de uma disputa ainda em jogo.

Conclusões parciais: lugares em disputa

Estudos que procuram entender as relações entre a história e a internet, ou entre a história e o *YouTube*, em particular, têm insistentemente demonstrado os aspectos positivos do uso, em sala de aula, das mídias audiovisuais. Adriana Dallacosta (2004), por exemplo, conta sua experiência de trabalhar com o recurso dos vídeos do *YouTube*, tendo por base de sua metodologia o uso da chamada linguagem hipertextual. Jonathan Rees (2008), no contexto da sala de aula norte-americana, falou da experiência positiva dessa plataforma, dados o tamanho dos vídeos e o fato de que os alunos normalmente não têm paciência para assistir a vídeos longos, por exemplo. Luana Bispo e Kelly Barros (2016), após um mapeamento, listaram vídeos de boa qualidade para serem trabalhados em sala de aula. Ocasionalmente, sugerem também que os próprios alunos façam vídeos, em especial no contexto da história local, no âmbito do Ensino Fundamental. A bibliografia é extensa nesse sentido (Mattar, 2009; Oliveira, 2014 etc.). Então, já tendo sido demonstrada a relação, pelo menos potencialmente positiva, entre os estudantes e o *YouTube*, é preciso levar em conta o fato de que ela já não se restringe apenas ao ambiente escolar. A educação, hoje, não se confina mais ao espaço físico da escola ou na ocasião da sala de aula.

Essa demanda (que poderíamos chamar aqui de extraescolar) por conteúdos de cunho histórico tem sido suprida no *YouTube* de diversas maneiras. Em primeiro lugar, por discussões ainda fiéis a uma narrativa acadêmica, principalmente por iniciativas particulares, definidas

pelo mercado, em que o espaço do poder público ou da instituição universitária é quase nulo. Em segundo lugar, por narrativas que visam a deslocar os historiadores de seus lugares de autoridade — historiadores profissionais deixam de ser ouvidos, em detrimento de outros profissionais: jornalistas, economistas e, inclusive, pastores evangélicos. Ocasionalmente, a própria escola é vista como inimiga: ela esconderia ou ocultaria um conhecimento verdadeiro. Parece plausível inferir que, em vez de o *YouTube* ser levado à sala de aula (a experiência já se demonstrou positiva, mas talvez já seja insuficiente), um movimento contrário talvez seja potencialmente frutífero: a ocupação do *YouTube* pelas instituições, pela academia, em suma, pelos historiadores profissionais. Dilton Maynard (2016) alertou para os problemas da confiabilidade das fontes e dos documentos históricos em tempos de compartilhamento e edições desenfreadas; mas, para além do problema da documentação, é preciso ser questionado também qual tem sido a confiabilidade das próprias narrativas históricas (e de seus emissores) em tempos de compartilhamento. Posto de outra forma: qual o lugar que os historiadores profissionais têm ocupado, na disputa pela legitimidade da narrativa, na *ágora* virtual que se tornou a internet?

Notas

1 Segundo estatísticas do próprio *YouTube,* para 31% dos consumidores do *site*, o espaço é usado como fonte de aprendizado, de modo que 96% dos jovens de 18 a 35 anos acessam o *site*, e 88% dos que consomem afinidades já têm o Ensino Médio ou superior. Ver: DE play em play. *Think with Google*. 2017. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/de-play-em-play/>. Acesso em: 2 fev. 2019.

2 A referência é ao espaço público em que os gregos antigos exerciam a política. Posteriormente, o termo passou a se referir ao espaço fisicamente delimitado da praça.

3 O *site,* atualmente pertencendo ao Google, é o segundo mais acessado no Brasil, perdendo apenas para os acessos ao domínio da própria plataforma Google. Ver: ALEXA. Top sites on Brazil. 2019. Disponível em: <https://www.alexa.com/topsites/countries/BR>. Acesso em: 2 fev. 2019.

4 A pesquisa ocorreu entre os dias 22 de outubro de 2018 e 22 de janeiro de 2019, e as estatísticas de visualizações e acessos dizem respeito apenas a esse período, podendo variar até o momento da publicação deste artigo. Foram ignorados, por exemplo, videoclipes musicais e conteúdo sobre histórias infantis ou celebridades que apareceram na pesquisa por terem "história" no título e que não tinham, necessariamente, uma relação com os temas ou conteúdos comumente associados à história acadêmica ou escolar, como os demais que serão analisados na sequência desta investigação.

5 Por uma questão de espaço, aqui delimitado, os vídeos não serão analisados individualmente, mas agrupados em grandes (e pequenos) grupos e analisados de forma conjunta.

6 Ver nota 4.

7 Sabemos que existem laboratórios e iniciativas acadêmicas empenhados nessas produções, mas essas plataformas no *YouTube* não alcançaram um número de visualizações suficiente que enquadrasse esses conteúdos nesta pesquisa, em razão dos recortes quantitativos apontados na introdução do artigo.

8 O *YouTube* foi criado em 2005.

9 As informações confirmam-se no Lattes do autor. Ver: RODRIGO Pereira da Silva. Currículo Lattes. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4210358Y6>. Acesso em: 12 dez. 2018.

10 O documentário em língua inglesa foi produzido pelo estúdio da *International Baptist Missions.*

11 Aqui, aparecem informações equivocadas, como a ideia de que a "a língua grega foi a primeira da história", por exemplo. Os autores da narrativa tratam de tom sensacionalista questões em aberto que ainda estão em debate na academia, como a origem da agricultura no Peru.

12 Ver: THOMAS Giulliano Ferreira dos Santos. Currículo Lattes. Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8565048E5>. Acesso em: 2 jan. 2019.

13 Rafael Nogueira aparece no vídeo como professor e historiador, mas, de acordo com o *site História expressa,* tem graduação em filosofia, direito e pós-graduação em educação, sem menção à formação na área de história. Ver: OS AUTORES. Desconstruindo Paulo Freire. Disponível em: <https://historiaexpressa.com.br/desconstruindo-paulo-freire-livro/>. Acesso em: 2 jan. 2019.

14 Com atuação mais na área da economia do que na da história, Saes é doutor em história econômica e professor do Departamento de Economia da FEA/USP.

15 Fausto publicou diversos livros sobre história do Brasil e é doutor em história social pela USP.

16 Doutora em história social pela USP e professora do Departamento de História da FFCH da USP.

17 Graduado em história e professor do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj).

18 O autor apresenta-se como filósofo, mas não tem formação acadêmica.

19 Professor de história da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Referências bibliográficas

Canal do YouTube *(por ordem de aparecimento no texto)*

[i] CANAL Nostalgia. *YouTube.* Disponível em: <https://www.youtube.com/user/fecastanhari>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ii] NERDOLOGIA. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/nerdologia>. Acesso em: 18 fev. 2019.

[iii] DÉBORA Alladim. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/ deboraaladim>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[iv] AULALIVRE – Enem 2019 e vestibulares. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/aulalivre>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[v] PRÓ Universidade Online. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/CursoLutherKing>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[vi] SE Liga Nessa História. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[vii] CANAL do Pirula. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCdGpd0gNn38UKwoncZd9rmA>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[viii] LEITURA ObrigaHISTÓRIA. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ix] VINICIUS Recanello de Almeida. *YouTube*. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UC4X-fOndiduYa1fyvoHDzCw>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[x] PREPARACAODIGITAL. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/PreparacaoDigital>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xi] EDUCABAHIA. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/educabahia>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xii] NOVAESCOLA. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/revistanovaescola>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xiii] TVBRASIL. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/tvbrasil>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xiv] UNIVESP. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/univesptv>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xv] DYLSON. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtYLrxplikxcqfeaWv8rEkw>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xvi] CANAL do Braga. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCFYZhci4X5jP1qtmufezT-w>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xvii] O LADO Escuro. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC91_O_pb5tpi9BVWKo7rcBg>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xviii] MUNDO Proibido. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkQl2mHENJrcqL0KOHmCcZg>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[xix] EVIDÊNCIAS NT. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/NTEvidencias. Acesso em 29 dez. 2018.

[xx] BRASIL Paralelo. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCKDjjeeBmdaiicey2nImISw Acesso em 29 dez. 2018.

2 VÍDEOS DO *YOUTUBE* ***(por ordem de aparecimento no texto)***

[a] SEGUNDA Guerra Mundial – Nostalgia História. Canal Nostalgia. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TV4Vzda09Ck&t=2197s>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[b] ADOLF Hitler/História. Canal Nostalgia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-d3r70E6Dvfs>. Acesso em: 16 dev. 2019.

[c] GUERRA Fria – EUA vs URSS/Nostalgia História. Canal Nostalgia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Gi4_GJXO4I>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[d] 500 anos em 1 Hora/História do Brasil. Canal Nostalgia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q7E4XrfGGnE>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[e] REGIME/DITADURA Militar. Canal Nostalgia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRbZwM7fjYM>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[f] IMPRIMINDO História – Nerdologia. Canal Nerdologia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2xSRTAxcYTY>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[g] HISTÓRIA das moedas. Canal Nerdologia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Popa7dOjOMU>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[h] HISTÓRIA do voto no Brasil. Canal Nerdologia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dC7nQEKHn8E>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[i] HISTÓRIA da Irlanda (PARTE 1). Canal do Pirula. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RsdeYV6wvRA>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[j] COMO se definem direita e esquerda?. Canal ObrigaHISTÓRIA. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PAqZbDPXkXA>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[k] RESUMÃO de história da educação brasileira. Vinícius Reccanello de Almeida. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X3h7ivUveS0>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[l] AULA 06 – História do Brasil – era Vargas. Preparação Digital. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xGqwVhyG84U>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[m] AULA 04 – História do Brasil – república oligárquica brasileira. Preparação Digital. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bUok7FvZGzU>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[n] AULA 04 – História – história do Brasil. Educabahia. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hq2_3UU4ChQ>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[o] A OBRIGATORIEDADE do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. TVBrasil. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_QE6ppxk0vQ>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[p] D-01 – Breve história da Educação do Brasil. UNIVESP. *Youtube*.Univesp. *YouTube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eTYWvbW8XPw>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[q] A HISTÓRIA do Brasil por Bóris Fausto. Dylson. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pSyE82yRaKU>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[r] A HISTÓRIA do mundo em duas horas. Renato Reis I. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eGlDxp4TNWk>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[s] A HISTÓRIA do mundo em duas horas. Conhecimento. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ODtzh_lMBKQ>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[t] REI Salomão – a história que você não sabia. Canal do Braga. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=57WqX5u6abI>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[u] ARCANJO Miguel – a história do arcanjo supremo. Canal do Braga. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ou-vljzLl3E>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[v] LÚCIFER: a história de Satanás. O Lado Escuro. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ew9ImhyH1bI>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[w] ADHEMAR Ramos História Oculta de Jesus Cristo. Programa Tocando o Oculto. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b-jwur2jv9M. Acesso em 29 dez. 2018.

[x] COMPILADO: O Livro de Enoque e a História Proibida pela Bíblia. Mundo Proibido. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DjUtVaiE05Y. Acesso em 29 dez. 2018.

[y] A HISTÓRIA dos judeus completa Dr. Rodrigo Silva só não aprende quem não quer. Alberto Santos. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-PtXgOkrLQI. Acesso em 29 dez. 2018.

[z] A HISTÓRIA de Sansão. Sermões Inteligentes. *Youtube*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?-v=MrsUqkASoVY. Acesso em 29 dez. 2018.

[aa] A HISTÓRIA dos cristãos e da Bíblia. Documentários Bíblicos. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-C7daakc3Wk>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ab] 7 MENTIRAS mais bem sucedidas da história. Fatos Desconhecidos. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hHATqQlT0EU>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ac] 5 COISAS que seu professor de história escondeu de você. Fatos Desconhecidos. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7jm9ZdPCciQ>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ad] ANGLO SAXÕES. O exército mais temido da história. Mundo Desconhecido. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8yiIqiBoO6g>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ae] DESCOBERTAS arqueológicas que contradizem a história. Mundo Desconhecido. *YouTube*. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=xNJWU00swfU>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[af] A HISTÓRIA da primeira favela do Brasil. Buenas Ideias. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9fx9p-tvD0s>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ag] A HISTÓRIA por trás de Tiradentes. Buenas Ideias. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dKXwQHCDV4Q>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ah] CONGRESSO Brasil Paralelo | Capítulo 2: Terra de Santa Cruz – a história não contada [Oficial]. Brasil Paralelo. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8CYt95y5fUU>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ai] EP01 Economia brasileira – a história contada por quem a fez. História Economia Brasileira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nhazwo2WFmQ>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[aj] GIGANTES do Brasil – nossa história [documentário completo dublado]. Dark Documentários. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iF71SKa3m5g>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[ak] OLAVO de Carvalho | História do Brasil. Daniel Mota. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bZz4G3EChGo>. Acesso em: 29 dez. 2018.

[al] GUIA politicamente incorreto da História do Brasil. Leonardo Araujo. *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ECLGx2etUjY>. Acesso em: 29 dez. 2018.

Livros e artigos

BISPO, L. M. C.; BARROS, K. C. Vídeos do YouTube como recurso didático para o ensino de história. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 11, n. 3, p. 856-877, 2016. Disponível em: <http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/download/4864/3471>. Acesso em: 2 jan. 2019.

BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia*. 2. ed. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CHARTIER, R. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DALLACOSTA, A. Possibilidades educacionais do uso de vídeos anotados no YouTube. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA, 2004, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos…* (Resumos). Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010190924.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

LÉVY, P. *Cibercultura*. 2. ed. Tradução de Carlos Irineu Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUCCHESI, A. Por um debate sobre história e historiografia digital. *Boletim Historiar*, n. 2, p. 45-57, 2014. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/view/2127>. Acesso em: 2 jan. 2019.

MALERBA, J. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a história: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre *public history*. *História da Historiografia*, n. 15, p. 27-50, ago. 2014. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/692>. Acesso em: 2 jan. 2019.

MATTAR, J. YouTube na educação: o uso de vídeos em EaD. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA, 2009, São Paulo. *Anais eletrônicos…* (Resumos). São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/2462009190733.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

MAYNARD, D. Sobre tempos digitais: tempo presente, história e internet. In: GONÇALVES, J. (Org.). *História do tempo presente*: oralidade, memória, mídia. Itajaí: Casa Aberta, 2016. p. 77-100.

OLIVEIRA, N. História e internet: conexões possíveis. *Tempo e Argumento*, v. 6, n. 12, p. 23-53, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023>. Acesso em: 2 jan. 2019.

PELLEGRINI, D. et al. YouTube: uma nova fonte de discursos. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-pelegrini-cibercultura.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

QUEIROGA JR., T. *YouTube como plataforma para o ensino de história*: na era dos "professores-youtubers". 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

REES, J. Teaching history with YouTube. *Perspectives on History*. American Historical Association. 2008. Disponível em: <http://www.historians.org/Perspectives/issues/2008/0805/0805tec2.cfm>. Acesso em: 13 jan. 2019.

ROLLAND, D. Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas. *Tempo*, v. 8, n. 16, p. 1-34, 2004. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1670/167017772004.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2019.

SARLO, B. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.